

AVENIDA PAULISTA SEM BARÕES DO CAFÉ

PIRES, Mário Jorge. **Sobrados e barões da velha São Paulo**. Barueri, SP: Manole, 2006.

Prof. Dr. João Batista Neto

ECA/USP

O Prof. Dr. Mário Jorge Pires, historiador, com a formação e a carreira realizada na USP, atua na Escola de Comunicações e Arte, ministrando aulas e cursos onde realiza uma ponte entre a História e o Turismo, sendo um dos poucos acadêmicos que tratam desta transdisciplinaridade no nível superior. O seu livro, **Sobrados e barões da velha São Paulo**, é uma versão publicável da sua dissertação de Mestrado, após décadas de sua defesa na área da Comunicação Social. Esta não é uma obra específica técnica para a área de Turismo. Mas, tem o seu valor como suporte uma vez que aborda um período importante da história de São Paulo cujos remanescentes da cultura material podem servir para a operação de roteiros temáticos sobre o café.

Pires trata de um tema delicado, pois buscou na sua obra o diálogo entre moradia e morador. A inquietação sobre quem eram os habitantes dos grandes sobrados que existiram um dia na metrópole foi o mote para esta investigação. Se, atualmente este tipo de pesquisa já demanda muito conhecimento, quando se trata de obras arquitetônicas do século XIX o trabalho é maior em complicação e empenho. Neste livro, dividido em quatro capítulos, o autor realiza este esforço incomum com seriedade.

No primeiro capítulo, “As residências abastadas de São Paulo até meados do século XIX”, Pires investiga quem eram os Barões do Café e onde residiam. Poucos moravam na capital, pois davam preferência a sua propriedade rural ou residir em cidades próximas a ela. Já os que aqui tinham residência, davam preferência às ruas do Centro, como a Direita e São Bento. A construção da Estação da Luz motiva muitos enriquecidos com o café a residirem nas ruas em direção à ferrovia, como a Florêncio de Abreu e a Brigadeiro Tobias.

No segundo capítulo, “A disposição espacial da elite na cidade”, o autor se utiliza como fonte os antigos almanaques, que trazia quem eram os poucos fazendeiros de café residentes na capital. Assim como em “Sobrados e Mucambos”, de Gilberto Freyre, percebe-se em São Paulo a presença lado a lado entre a casa do rico e do pobre, sempre feita de taipa. Também não conviviam com lojas comerciais. Se havia alguma distinção, era somente pelo tamanho da construção que servia de residência ao rico cafeeiro.

No terceiro capítulo, “A elite do café na capital da província”, Pires busca descobrir a origem dos residentes, que são na maioria do Oeste paulista. Eram residências pobremente ornamentadas, com moradores de hábitos simples. Poucos tinham algum requinte. E nem os títulos nobiliárquicos modificaram esta situação.

No quarto capítulo, “As novas moradias”, os fazendeiros que fixam residência na capital no final do século XIX passam a varrer toda forma de *caipirismo* e a casa passa a ser o símbolo desta modificação. Numa profusão e mistura de estilo, surgem os grandes sobrados. Trata-se de um novo estilo cultural que provocou uma sofisticação nos hábitos desta elite, agora moradora dos Campos Elíseos, Higienópolis e da... Avenida Paulista? Não é o caso desta última. Ali residiram, na sua maioria arrasadora, os imigrantes enriquecidos.

Numa linguagem agradável, tanto para o especialista quanto para o leigo, o livro de Mário Jorge Pires tem o mérito de inovar nos objetivos da pesquisa, na metodologia e nas

fontes utilizadas (almanaques e antigas listas telefônicas). Trata-se de uma obra feita com esmero, que demandou muita pesquisa por parte do autor. Após décadas, é apresentada ao público. Para quem se interessa pela história da cidade de São Paulo, já se trata de uma obra fundamental.